

# VIRUS

29

## O DIGITAL E O SUL: TENSIONAMENTOS VOL. 2

PORUTGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH  
REVISTA . JOURNAL  
ISSN 2175-974X  
CC-BY-NC-SA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
NOMADS.USP  
REVISTAS.USP.BR/VIRUS  
DEZEMBRO 2024



# VI29

O DIGITAL E O SUL: TENSIONAMENTOS VOL. 2  
THE DIGITAL AND THE SOUTH: QUESTIONINGS VOL. 2  
LO DIGITAL Y EL SUR: CUESTIONAMIENTOS VOL. 2

## EDITORIAL

- 001 O DIGITAL E O SUL: TENSIONAMENTOS VOL. 2  
THE DIGITAL AND THE SOUTH: QUESTIONINGS VOL. 2  
LO DIGITAL Y EL SUR: CUESTIONAMIENTOS VOL. 2  
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, CAIO NUNES, ISABELLA CAVALCANTI, RENAN TEIXEIRA, ALINE LOPES

## ENTREVISTA

- 004 O TECNOCENO E O RESTABELECIMENTO DE UM HORIZONTE DE URGÊNCIA  
THE TECHNOCENE AND THE REESTABLISHMENT OF A HORIZON OF URGENCY  
EL TECNOCENO Y EL RESTABLECIMIENTO DE UN HORIZONTE DE URGENCIA  
HENRIQUE PARRA, PEDRO TEIXEIRA, MARIO VALLEJO

## ÁGORA

- 015 DA DISFORIA COMO POTÊNCIA DAS CONTRADIÇÕES: UMA APOSTA DE PAUL B. PRECIADO  
DYSPHORIA AS THE POTENCY OF CONTRADICTIONS: A BET BY PAUL B. PRECIADO  
MARCOS BECCARI
- 024 ESTRUTURAS DIGITAIS / ESTRUTURAS URBANAS MODERNAS  
DIGITAL FRAMEWORKS / MODERN URBAN FRAMES  
CARLOS FEFERMAN
- 034 SUL GLOBAL À DERIVA: REGULAÇÃO DIGITAL NA UNIÃO EUROPEIA E NO BRASIL  
GLOBAL SOUTH ADRIFT: DIGITAL REGULATION IN THE EUROPEAN UNION AND BRAZIL  
MAGNO MEDEIROS
- 044 ATIVISMO DIGITAL E (DES)REGULAÇÃO DE PLATAFORMAS NO CONTEXTO ELEITORAL  
DIGITAL ACTIVISM AND PLATFORM (DE)REGULATION IN ELECTORAL CONTEXT  
ARNALDO DE SANTANA SILVA, MILENA CRAMAR LÔNDERO, VITÓRIA SANTOS

- 054 COSMOPLATAFORMIZAÇÃO: PLATAFORMAS DIGITAIS A PARTIR DO SUL GLOBAL  
COSMOPLATFORMIZATION: DIGITAL PLATFORMS FROM THE GLOBAL SOUTH  
ELI BORGES JUNIOR, EVANDRO LAIA, BRUNO MADUREIRA
- 063 BOTS SOCIAIS: UMA CONTROVÉRSIA SOCIOTÉCNICA  
SOCIAL ROBOTS: A SOCIO-TECHNICAL CONTROVERSY  
RAMON FERNANDES LOURENÇO
- 072 TERRA, LIBERDADE E DIVERSIDADE: METÁFORAS PARA O MUNDO DIGITAL?  
LAND, FREEDOM, AND DIVERSITY: METAPHORS TO THE DIGITAL WORLD?  
LUCCA AMARAL TORI
- 082 ENTRE JANELAS FÍSICAS E VIRTUAIS: ABERTURAS DO MORAR NA PANDEMIA  
BETWEEN PHYSICAL AND VIRTUAL WINDOWS: OPENINGS OF LIVING IN THE PANDEMIC  
PAULA LEMOS VILAÇA FARIA

## PROJETO

- 091 CONJUNTO ECOLÓGICO  
ECOLOGICAL ENSEMBLE  
ANA CECILIA PARRODI ANAYA

**DA DISFORIA COMO POTÊNCIA DAS CONTRADIÇÕES:  
UMA APOSTA DE PAUL B. PRECIADO**

**DYSPHORIA AS THE POTENCY OF CONTRADICTIONS:  
A BET BY PAUL B. PRECIADO**

MARCOS BECCARI

**Marcos Beccari** é Designer e doutor em Educação. É Professor do Departamento de Design da Universidade Federal do Paraná e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. Seu trabalho dialoga com Nietzsche, Foucault, Flusser e Preciado, nos campos da Educação, Arte e Design. contato@marcosbeccari.com

<http://lattes.cnpq.br/1779138299755162>

## Resumo

Este estudo visa promover uma leitura crítica em torno de alguns elementos da cultura digital no Sul Global — entendido aqui enquanto, mais do que uma categoria geopolítica, uma condição pós-colonial de determinadas perspectivas, práticas e estratégias contra-hegemônicas no contexto mundial —, em especial aqueles relacionados aos usos e implicações políticas da automação digital que rege boa parte das plataformas online e dos dispositivos de interação. Mais precisamente, proponho uma revisão teórica acerca de algumas das implicações da noção de “disforia” que Paul B. Preciado desenvolve em seu último livro, situando-a como potência onto-ficcional das contradições constitutivas da vida digital no Sul Global. Começo por contextualizar o ferramental foucaultiano de que Preciado em larga medida se serve e, em seguida, situo a noção de “disforia” no cenário pós-pandêmico da automação digital e algorítmica. Por fim, elenco alguns caminhos já trilhados para reconhecer a disforia do mundo como efeito em curso das tecnologias digitais que dão forma à vida contemporânea.

**Palavras-chave:** Disforia, Tecnologias digitais, Paul B. Preciado

## 1 Introdução

Estamos assistindo ao vivo à inserção da pele eletrônica ou sem contato sobre nossos corpos. Um par de anos de confinamentos sucessivos, distanciamento social e teletrabalho bastaram para dar início a esta mutação do corpo e da subjetividade. (Preciado, 2023, p. 324)

Dentre os tantos tensionamentos que atravessam a cultura digital no Sul Global, a assimetria tecnopolítica dos modos de vida precarizados (Lazzarato, 2014; Alves, 2011) renova-se na esteira de um conjunto disperso de dinâmicas digitais, tais como a automação algorítmica e o extrativismo de dados. Tomando como eixo articulador o pensamento de Paul B. Preciado, o presente estudo se propõe a situar algumas linhas de interpretação crítica desse cenário emergente, com ênfase nos processos de produção de subjetividade mediante os dilemas da automação digital. Tal escopo, ademais, é aqui delimitado pela leitura da obra *Dysphoria mundi*, publicada recentemente por Preciado (2023) e ainda pouco explorado no debate sobre o Sul Global; não é, portanto, objetivo deste estudo aprofundar o tema no escopo de tal debate, mas somente indicar uma leitura que, espera-se, possa vir a dialogar com autoras e autores do Sul Global.

Há cerca de um século atrás, mediante o avanço do cinema, da publicidade e dos meios de comunicação, termos como “inconsciente ótico”, “espetáculo” e “simulação” foram disseminados na literatura crítica europeia para descrever os efeitos da reprodução mecânica e da circulação em massa de imagens. Hoje, a automação digital e algorítmica dos *media* não se presta somente a espetacularizar o mundo; antes, automatiza uma realidade própria e um modo de existência adequado a tal realidade. As mídias sociais se tornaram um lócus de extração de mais-valia, e as imagens passaram a operar como mercadorias e dispositivos para essa extração. Em várias escalas, desde o nível individual e doméstico até o uso de *big data* por parte de corporações com amplos recursos de mineração e direcionamento de informações, os processos de automação têm um impacto crescente sobre muitos aspectos do que pode ser conhecido, governado e vivenciado.

Na primeira década do nosso século, as plataformas digitais ainda podiam ser vistas como um meio de desafiar governos e corporações, sendo o auge dessa utopia<sup>1</sup> quando as mídias sociais desempenharam um papel crucial nos movimentos *Occupy* e Primavera Árabe. Mas desde 2016, quando foi revelado que a Cambridge Analytica interveio nas eleições dos EUA que levaram Trump ao poder, testemunhamos a ascensão global de governos e movimentos neofascistas apoiados por *big techs* e *think tanks* (Wintrob, 2020). Além de Trump, líderes como Netanyahu, Erdogan e Bolsonaro se serviram da lógica algorítmica pela qual, conforme sintetiza Emmelhainz (2021, p. 3, tradução nossa), “a raiva tornou-se moeda: as plataformas impulsionam e monetizam a raiva como forma de envolvimento”. Não por acaso, pois, a

<sup>1</sup> Utopia esta que, cumpre assinalar, pode ser encontrada na origem mesma da cibercultura, entre projetos militaristas e os sonhos libertários da contracultura. Ver, a este respeito, Turner (2006).

expansão sem precedentes da automação digital vem sendo amplamente associada a uma racionalidade neoliberal, colonial e racista que instaura um modo de vida cada vez mais desigual e precarizado (Beccari, 2020).

Já as estratégias de deslocamento e resistência que se abrem no interior desse regime são discutidas ora em termos de desvio, decodificação e hackeamento de padrões, ora na esteira de uma abertura radical da caixa-preta, no sentido de remover as várias camadas alienantes que se interpõem na experiência cotidiana<sup>2</sup>. Enquanto a primeira ênfase deriva da tendência pós-estruturalista de perscrutar a superfície epistêmica e ontológica dos signos (ou dados, códigos, programas, algoritmos etc.), a segunda reatualiza uma velha hermenêutica da suspeita, que denuncia o engodo das aparências em busca de uma identidade ou realidade material subjacente.

Em *Dysphoria mundi*, Paul B. Preciado (2023) problematiza tais estratégias ao demonstrar que os efeitos da automação digital incidem de forma assimétrica no interregno do Norte e do Sul globais, entendidos não tanto como regiões geográficas, mas como condições distintas (que não raro coexistem em um mesmo lugar) de acesso e exclusão em um mundo pretensamente conectado em tempo real<sup>3</sup>. Por conseguinte, não basta falar em termos de uma sociedade pós-disciplinar ou de controle; é necessário também considerar como novos dispositivos tecnológicos estão fundamentados em antigos valores extrativistas e coloniais. E, em vez de propor qualquer mitigação discursiva<sup>4</sup> ou recuo ludista, Preciado aposta na subversão iminente deste regime epistêmico — que para ele não é somente algorítmico, mas sobretudo petrosexoracial, isto é, pautado na combustão de energias fósseis e na segmentação hierarquizada de sexo e raça — a partir da exacerbação de suas contradições.

Se por um lado as instâncias de poder petrosexoracial recorrem aos mitos nacionalistas e identitários e abraçam as tecnologias digitais, bioquímicas e militares como formas primeiras de produção de valor e de controle dos corpos vivos, por outro, esses mesmos corpos subalternos supostamente disfóricos, para os quais o poder só preconiza trabalho, consumo e morte, inventam formas dissidentes de subjetivação e novos agenciamentos coletivos com outros corpos humanos e não humanos e com as máquinas energéticas: o celular, o computador, as tecnologias biomoleculares. (Preciado, 2023, pp. 51-52)

No presente estudo, apresento uma reflexão limitada às implicações dessa tese na crítica dos meios digitais, embora o escopo do livro em vista seja bem mais abrangente. Tal intento me parece pertinente por perspectivar toda crítica da vigilância digital que, ao mirar apenas nas técnicas de controle, tende a desconsiderar a potência disfórica dos sujeitos sobre os quais esse controle é exercido. Para levar a cabo a revisão proposta, é necessário de saída abreviar certo ferramental foucaultiano de que Preciado em larga medida se serve, por mais que também o critique e o suplemente. Em seguida, situo a noção de “disforia” no contexto pós-pandêmico da automação digital e algorítmica. Por fim, elenco alguns caminhos já trilhados para reconhecer a disforia do mundo como efeito em curso das tecnologias digitais que dão forma à vida contemporânea.

## 2 Técnicas de poder e subjetivação digital

A força da noção foucaultiana de tecnologia reside em escapar à compreensão redutora da técnica como um conjunto de objetos, instrumentos, máquinas ou outros artefatos [...]. Para Foucault, uma técnica é um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade. (Preciado, 2017, p. 154)

Na obra tardia de Foucault (2009), a analítica do poder já não mirava tanto em práticas discursivas, punitivas e disciplinares, mas abrangia tanto a racionalidade governamental quanto as tecnologias de si. Desse modo, ele aprofundou a dimensão produtiva e estratégica do poder ao examinar as diversas técnicas (espirituais, subjetivas, institucionais) que historicamente possibilitaram determinadas condutas e formas

<sup>2</sup> A primeira corrente remonta às chamadas poéticas do ruído (Krapp, 2011; Menkman, 2011; Nunes, 2011); e a segunda remete com frequência a alguma forma de esterilidade do imaginário político (Fisher, 2021; Stiegler, 2018).

<sup>3</sup> Mais precisamente, “a decolagem da economia digital não é possível sem uma massa importante de trabalhadores pauperizadas das indústrias microeletrônicas” (Preciado, 2023, p. 334). A ilustração mais emblemática é o caso, longamente comentado por Preciado após essa citação, da Foxconn, a maior empresa chinesa que, com mais de um milhão e meio de funcionários, produz componentes eletrônicos para Apple, Google, Microsoft, Sony, Amazon, Dell etc.

<sup>4</sup> “Já não pleiteamos, assim como nossos antecessores nos anos 1970 e 1980, uma compreensão da vida e da história como efeitos de diferentes regimes discursivos, e, sim, defendemos o uso de produções discursivas como partes interessadas em um processo mais amplo da materialização técnica da vida que está ocorrendo no planeta” (Preciado, 2018, pp. 367-368).

de vida. A noção de tecnologia assume, nesse contexto, o sentido de prática e racionalidade que conecta elementos díspares — corpos, valores, usos, técnicas etc. — para coordenar um campo de ação. Isso nos permite compreender a automação algorítmica, nos termos de Nocek (2021, p. 118, tradução nossa), como “uma prática criativa atualizada nas técnicas que utiliza para orientar as possibilidades de ação para fins racionais”.

Tal concepção é produtiva por evidenciar que os aparatos digitais foram projetados não apenas com vistas a determinados resultados, mas antes para viabilizar certos modos de existência em detrimento de outros — na esteira, aliás, da difundida proposição de Simon (1996, p. 129, tradução nossa) sobre o design enquanto prática de “transformar situações existentes em situações preferíveis”. Significa que forças normativas precisam estar concatenadas para viabilizar certo dispositivo e, consequentemente, moldar situações consideradas desejáveis. Já os sujeitos desajustados, subalternos e desviantes não são alheios a tais forças; como salienta Preciado (2023, p. 209), pelo contrário, “são ao mesmo tempo o efeito material destas forças e da resistência a estas forças”. Afinal, toda normalidade é definida pelas margens, por aquilo que ela exclui, de sorte que o racismo, o colonialismo, o sexismo etc. são “epistemologias, infraestruturas cognitivas, regimes de representação, técnicas do corpo, tecnologias do poder, discursos e aparatos de verificação, narrativas e imagens que seguem operando no presente” (Preciado, 2023, p. 42).

O que está em jogo nas tecnologias digitais, portanto, não são tanto as constrições que elas nos impõem, e sim as maneiras pelas quais é possível incorporar a (ou resistir à) racionalidade que as engendra. Esse tipo de agência é recursivo; não se situa em um sujeito particular, posto que a racionalidade aí implicada também não existe separadamente dos mecanismos e aparatos que a possibilitam. A recursividade em questão se situa no próprio campo de ação que é concatenado pelos dispositivos tecnológicos, de modo que certa lógica neoliberal, por exemplo, é tanto causa quanto efeito, tanto condicionante quanto resultante desses dispositivos. Foi considerando tal dinâmica recursiva que Foucault se debruçou na produção/transformação histórica das técnicas e suas racionalidades correspondentes; e que, por sua vez, Preciado se esforçou em mostrar como as tecnologias atuais logram em redesenhar ontologicamente os espaços materiais e simbólicos da vida humana. “A política é, nesse sentido, uma tarefa de ontologia-ficção: a arte de inventar a existência do in-existente ou de fazer com que um in-existente que passava por natural deixe de existir” (Preciado, 2023, p. 210).

No caso da automação algorítmica, Nocek (2021, p. 129, tradução nossa) argumenta que os “sistemas inteligentes estruturam o campo de ação possível não erguendo fronteiras e estabelecendo limites (por meio de técnicas disciplinares), mas eliminando-os [...], reduzindo o atrito e forjando novas possibilidades de relação”. Ao mesmo tempo, essa aparente mobilidade sem fronteiras — que se traduz em comando de voz, geolocalização, assistentes de IA etc. — é indissociável dos fluxos de algoritmos que perfazem uma racionalidade que Couldry e Mejias (2019) denominaram datacolonialismo, no qual a acumulação de capital é decorrente do extrativismo de dados, e não da produção. Logo, as velhas práticas não deixaram de existir, só foram redesenhas, mesmo que restem praticamente invisíveis; ou melhor, conforme sintetiza Beiguelman (2021, p. 63), “os grandes olhos que nos monitoram veem pelos nossos olhos” — somos vistos a partir de nossos usos e interações.

As plataformas algorítmicas não apenas traduzem dados díspares em padrões úteis de informação; antes, são notadamente projetadas para prever o comportamento dos usuários, redirecionar suas ações e decisões e, em última análise, reduzir a incerteza do mercado financeiro, da esfera política e das subjetividades (Sadin, 2015). Ato contínuo, vemos a cada dia mais se consolidar, como fonte de engajamento pessoal, corporativo e político, uma extrema-direita renovada cuja principal estratégia reside em individualizar a enunciação do que pode e do que não pode ser verdade (Primo, 2020). E, conforme bem previram Dardot e Laval há mais de uma década, essa reconfiguração patente das formas de participar e agir politicamente, nas quais o sujeito é constantemente impelido a reafirmar sua identidade em oposição a toda sorte de ameaça — flertando, não raro, com a racionalidade fascista —, perfaz um jogo persuasivo de identificação:

Sobretudo porque esse jogo poderia levar o sujeito a refugiar-se — na falta de coisa melhor — numa identidade de compensação, que ao menos tem a vantagem de certa estabilidade, em contraste com o imperativo de superação infinita de si mesmo. Ora, a fixação da identidade, seja de que natureza for, longe de ameaçar a ordem neoliberal, aparece, ao contrário, como bater em retirada para os sujeitos cansados de si mesmos, para todos os que abandonaram a corrida ou foram excluídos dela logo de saída; pior, ela reproduz a lógica da concorrência no nível das relações entre as “pequenas comunidades”. (Dardot & Laval, 2016, p. 401)

### 3 A emergência da desidentificação disfórica

Posto que a construção da subjetividade é cada vez mais atrelada ao dispositivo algorítmico das plataformas digitais, as estratégias possíveis de dissidência não poderiam se furtar à intervenção das mesmas técnicas e procedimentos. E, com base na recursividade tecnológica que a obra foucaultiana desvela historicamente, é preciso considerar que a dissidência pode não ser externa em relação aos dispositivos contra os quais se insurge, mas sim possibilitada por esses mesmos aparatos. Tanto Foucault quanto Preciado, afinal, conferem especial atenção às mutações, às brechas da normalidade, ao ponto em que os modos de funcionamento começam a deslocar os padrões até então estabelecidos — permitindo que os sujeitos subjugados, mais do que romper com as técnicas que os subjugam, possam fazer uso delas, dobrando-as até o seu limite e as expondo em suas contradições.

Em *Dysphoria mundi*, Preciado argumenta que a pandemia do COVID-19 teve consequências bruscas no regime petrossexorracial que segue em vigor, tanto no sentido de recrudescer suas práticas de subjugação quanto no sentido de expor e desestabilizar seus padrões normativos, cuja dimensão necropolítica fora diuturnamente escancarada<sup>5</sup>. Tratou-se, pois, de um momento duplamente oportuno: de um lado, para o aprimoramento das técnicas de captura político-subjetiva e, de outro, para uma interrupção potencial e cognitiva dos fluxos tecno-mercantis de identificação e normalização.

A crise climática e somatopolítica (da qual a pandemia faz parte) agudizam a “brecha” (*décalage*) entre “nossa capacidade de representar e nossa capacidade de produzir”, entre as convenções de percepção e os aparatos de produção da verdade (discursos sociais, científicos, midiáticos etc.), entre o desejo e a capacidade de atuar no mundo. (Preciado, 2023, p. 258)

A partir desse diagnóstico, Preciado elege a noção de “disforia” — reapropriando-se criticamente de toda sua carga histórica patologizante<sup>6</sup> — como chave conceitual para tornar produtiva certa convulsão ontológica, política e epistêmica que teria se instaurado no mundo pós-pandêmico. Inspirando-se na célebre revolução eletrônica de William Burroughs, mas também nos rituais xamânicos de parar o mundo relatados por Viveiros de Castro, Preciado aposta que os mecanismos que regem e precarizam a vida digital são também capazes de produzir uma espécie de curto-circuito que lance luz a um horizonte de saturação e de desidentificação para com a ordem petrossexorracial.

Cumpre revisar, ainda que brevemente, como tal vislumbre de uma disforia do mundo também deriva das principais teses que Preciado desenvolveu anteriormente. Desde *Pornotopia*, que deriva de sua tese de doutorado em Arquitetura, Preciado (2020, p. 173) identificou no período da Guerra Fria “um espaço de transição no qual se modela o novo sujeito prostético e ultraconectado”. Em seu *Manifesto contrassexual*, após dissertar sobre a hibridação simbiótica que Donna Haraway depreendera do ciborgue enquanto potencialidade político-ficcional, Preciado (2017, p. 168) salientou como as “bio e cibertecnologias contemporâneas são, ao mesmo tempo, o resultado das estruturas de poder e os possíveis bolsões de resistência a esse mesmo poder”. Posteriormente, em *Testo Junkie*, vemos novamente esse tipo de recursividade potencial naquilo que autor denominou, no escopo do livro, regime farmacopornográfico:

Em termos de agenciamento político, sujeição ou empoderamento não depende da rejeição de tecnologias em nome da natureza, e sim do uso diferenciado e da reapropriação das técnicas de produção da subjetividade. [...] A emancipação farmacopornográfica dos corpos subalternos só pode ser medida segundo esses critérios essenciais: envolvimento e acesso à produção, circulação e interpretação dos biocódigos somatopolíticos (Preciado, 2018, p. 139).

No decurso dessas proposições, Preciado reafirmava a si mesmo como resultado da reapropriação de certas tecnologias de gênero e sexualidade, com o objetivo de desvelar novas formas de subjetivação. Não obstante, conforme resume Axt (2023), a recepção crítica de sua obra na América Latina não se furtou de enfatizar o caráter eurocêntrico e universalizante de seus conceitos e, sobremaneira, o risco de sua promessa emancipatória ser ela própria assimilada e subvertida pelos mecanismos que pretende subverter. Quanto a isso, Axt (2023, p. 22) é assertivo ao compreender que “as teorizações de Preciado são mobilizadas pelas práticas e não ao contrário”,<sup>7</sup> ou seja, em

<sup>5</sup> “As instituições democráticas supostamente destinadas a proteger os mais vulneráveis [...] revelam sua cumplicidade com as estruturas do capitalismo petrossexorracial e comportam-se como o Estado sempre fez nos contextos totalitários ou coloniais: abandonando, extorquindo, oprimindo, mentindo, administrando castigo e morte” (Preciado, 2023, pp. 511-512).

<sup>6</sup> Se a disforia da modernidade disciplinar era histérica, e a do fordismo, neurótica e esquizofrênica, a do extrativismo cibernetico se expande para toda sorte de síndrome, transtorno, distúrbio.

<sup>7</sup> Além de que, como também reconhece Preciado (2023, pp. 59-60), resta “uma brecha cognitiva (que às vezes se manifesta como segmentação das lutas, às vezes até como incompatibilidade e antagonismo) entre a teoria e as práticas da esquerda radical e aquelas provenientes da ecologia política, da gramática e das práticas de resistência e de emancipação das minorias sexuais, de gênero e raciais”.

sua dissidência disfórica sempre em movimento, o esforço mais notável de Preciado (2023, p. 58) reside em renomear as coisas e ressitar as ficções político-normativas a partir da elaboração de contra-ficções: “Não basta analisar a condição neoliberal, é necessário mudar todos os nomes de todas as coisas” — reconhecendo simultaneamente que

Os partidários da ideologia heterobranca supremacista e das teorias da conspiração também fazem valer saberes desautorizados, narrações anticientíficas e relatos locais para restaurar formas arcaicas de soberania petrossexoracial. Esta é a complexidade em que estamos implicados, o emaranhado epistêmico [...] que não pode ser superado por uma simples oposição binária ou inversão de poder. É preciso abrir-se para a mutação das tecnologias da consciência. (Preciado, 2023, pp. 290-291)

Dentre os inúmeros conceitos que perfazem a gramática proposta em *Dysphoria mundi*, a noção de “telecorpo” se mostra pertinente ao escopo deste artigo: como um filho imprevisto do ciborgue de Haraway, trata-se de uma entidade situada na intersecção da vida material e da cibernética, do carbono e do silício. Existindo somente em função dos algoritmos normativos que o tornam visível, o telecorpo “é um dado econômico. É a riqueza digital. O telecorpo é ao mesmo tempo o consumidor e o produtor, o cliente e o provedor, a mercadoria e o comprador” (Preciado, 2023, p. 305). Se, por um lado, tal indistinção implica modalidades cada vez mais opressivas de exploração — como as classes que Preciado (2023, p. 331) denomina e-escravos, teletrabalhadores e reprodutores da vida —, por outro, também expõe a fugacidade de se partilhar uma identidade comum mediante tantas ficções tecno-políticas. Os marcadores de gênero e raça, por exemplo, já não indicam um fato natural, e sim lutas por soberania que, por sua vez, passam a se situar no mesmo terreno das lutas pela sobrevivência<sup>8</sup>. E, se parte da mais-valia digital reside na manutenção de identidades pretensamente estáveis e padronizadas, a brecha que se abre pelo telecorpo aponta para a reinvenção das práticas de identificação.

Por conseguinte, é como se toda discussão acerca das transformações digitais, cuja atenção esteve voltada tanto à automação de práticas históricas de opressão quanto aos meios exíguos de resistência, tivesse nos distraído da mudança crucial trazida por essa condição somático-algorítmica: sim, os velhos protocolos de identificação e exclusão seguem em pleno vigor, mas também se explicitam em sua arbitrariedade, artificialidade e falibilidade precisamente pela necessidade constante de aprendizado algorítmico. É curioso como, enquanto muitos se preocupam com a necessidade de levar o letramento digital para todas as camadas da população, a chamada inteligência artificial assimila e reproduz os processos que segregam esta mesma população. O que se costuma ignorar nessa lacuna é todo o fluxo necessário de manutenção epistêmica e recondicionamento cognitivo que nos integra às redes digitais. Para Preciado, claro está que tal fluxo só pode ser lido a partir de uma ontologia relacional (ou simbiótica)<sup>9</sup> em vez de essencialista. Concepção esta que, de maneira um tanto inusitada, acaba ecoando a noção de “sociedade telemática” que Vilém Flusser propusera no início da década de 1990, sobretudo em seu sentido pós-identitário e pós-humanista, conforme assinala Erick Felinto:

Flusser não apenas compreendeu com extrema clareza o potencial das redes, mas também lançou mão de um interessante complexo de imagens poéticas para descrever o que considerava como a oposição entre o modelo do “agrupamento” (*Bündelung*) e o do “enredamento” (*Vernetzung*) — em outras palavras, da comunicação de massas e da comunicação digital. [...] a sociedade telemática também desfaz a ilusão do eu fechado, confortavelmente encerrado em sua cápsula identitária. A rede é feita de relações, não entidades isoladas. (Felinto, 2022, pp. 72-73)

Em sua época, Flusser reconhecia o caráter utópico desse modelo societal que, todavia, considerava também tecnicamente realizável. E qual seria o modo de realizar tal ficção? Precisamente à maneira do erro, do ruído, da disforia: “Quando Beethoven tocava suas sonatas, as pessoas saíam correndo. Aos poucos os elementos perturbadores são integrados [...] e começam a irradiar de modo peculiar” (Flusser, 2014, p. 196). E, ao vislumbrar uma sociedade em que todos estariam telematicamente conectados, Flusser apostava em uma consciência partilhada que abria caminhos imprevistos na estrutura informática que as conecta: “A rede vibra, é um *páthos*, uma ressonância. Essa é a base da telemática, essa simpatia e antipatia da proximidade” (Flusser, 2014, p. 325).

De maneira menos utópica, Preciado lembra como, nos anos 1980, o Act Up e os diversos outros coletivos de luta contra a Aids não apenas congregavam categorias até então dissonantes (desde trabalhadores sexuais até celebridades midiáticas), como também deram início a uma reviravolta performática sem precedentes, no sentido de desidentificarem-se e intervirem ativamente nas ficções que os vinculavam

<sup>8</sup> Preciado (2023, p. 509) argumenta, nesse aspecto, que, durante a pandemia do COVID-19, os corpos do Norte global foram temporariamente expostos à mesma condição de vulnerabilidade “em que estiveram e continuam a estar [expostos] os corpos dos refugiados, dos imigrantes, das classes pauperizadas, feminizadas e racializadas do Sul colonizado global”.

<sup>9</sup> Inspirado nas proposições de Donna Haraway e Anna Tsing, o conceito de “symbionte” é adotado por Preciado como um deslocamento da noção de sujeito político, na esteira de suas reflexões anteriores acerca das táticas intersubjetivas e micropolíticas de desidentificação.

enquanto corpos mortais e vulneráveis. Preciado (2023, p. 526) considera que, de forma similar, os telecorpos carregam consigo a potência estratégica de um autobiohackeamento, isto é, a capacidade de decodificar os padrões normativos que os constituem para, na posição de simbiontes relacionais, redirecionarem criticamente os usos e efeitos da conectividade digital. Em suma, a emergência disfórica que Preciado assinala no cenário pós-pandêmico não reside exatamente nas conexões que Flusser denominava telemáticas, mas irrompe da multidão de telecorpos que, ao se situarem na base do sistema que os conecta e subjuga, são os primeiros a vislumbrar as lacunas e margens de manobra desse sistema.

#### 4 Considerações sobre a potência das contradições

Gosto da disforia e de sua exaltação contra a norma, porque é o que conheço desde a infância. A disforia é má. É nossa miséria. É dolorosa. Nos destrói. Nos transforma. Mas é também a nossa verdade. Precisamos aprender a ouvi-la. É nossa riqueza, a disforia. A intuição que nos permite saber o que é preciso mudar. (Preciado, 2023, p. 543).

Como se pode depreender da revisão até aqui levada a cabo, Preciado se vale das contradições que atravessam o mundo digital para propor uma visada segundo a qual tais fissuras são constitutivas, e não acidentais ou excedentes, ao regime petrosexoracial, apostando nas disforias onto-epistêmico-ficcionais que podem se fazer germinar, sobretudo no contexto do Sul Global, a partir dessa compreensão. À guisa de um fechamento, parece-me mais pertinente, no lugar de apontar qualquer síntese conclusiva, elencar algumas iniciativas teóricas e práticas que a meu ver dialogam, ainda que *avant la lettre*,<sup>10</sup> com a perspectiva de Preciado, de modo a indicar caminhos possíveis de como reconhecer a disforia do mundo como efeito já em curso das tecnologias digitais que dão forma à vida contemporânea.

A começar pelo famoso ensaio *The Wretched of the Screen* (“Os condenados da tela”), da artista e teórica de mídias alemã Hito Steyerl (2020, p. 32, tradução nossa), que se debruça sobre o “lixo que se acumula às margens das economias digitais” para tornar visíveis as múltiplas relações entre os processos ciberneticos e a expropriação dos recursos naturais, a concentração de riqueza, a mineração de dados etc. Na leitura crítica de Hal Foster (2021, p. 141), “Sua divisa [de Steyerl] é ‘não quero resolver contradições, quero intensificá-las’, e seu *modus operandi* não é tanto a desmistificação de crenças ideológicas, e sim a exacerbação de protocolos corporativos até, em teoria, o ponto de uma explosão transformadora”. Em contrapartida, e por um caminho que Foster considera mais produtivo, o artista e geógrafo estadunidense Trevor Paglen (2014) vem há décadas articulando uma série de fotografias de longo alcance que retratam a infraestrutura física dos sistemas digitais: satélites em órbita, cabos submarinos, servidores em ilhas remotas, cidades-armazéns etc. Noutros termos, Paglen evidencia a natureza frágil e material do digital e, ao fazê-lo, convida-nos a redefinir certas noções como ciberespaço ou nuvens digitais a partir dessas evidências. Mas, diferentemente de Steyerl,

21

[Paglen] é cético quanto ao valor das obras de arte confrontacionais, que podem “simplesmente ser incorporadas em exercício de aprendizagem de máquinas”. “No longo prazo”, ele conclui, “não há solução técnica” e “nenhum jeito evidente de intervir nos sistemas máquina-máquina”. Tudo o que ele pode fazer é nos indicar a direção geral: “É preciso criar ineficiências deliberadas e esferas de vida removidas da predação do mercado e da política — ‘abrigos’ na invisível esfera digital [...]”. (Foster, 2021, p. 155)

De fato, a força desse tipo de intervenção artístico-documental reside menos em interromper os processos digitais do que em restituir criticamente tudo aquilo que, por meio desses processos, fora colonizado de nosso campo de visão. Nesse horizonte, dentre as inúmeras obras que a teórica e artista Giselle Beiguelman (2021) reúne em *Políticas da imagem*, parece-me emblemático o projeto *Disruptions, 2015-2017*, do fotógrafo palestino Taysir Batniji. Trata-se de um conjunto de oitenta e seis screenshots de videochamadas com sua mãe e família, que residem em Gaza, onde ele nasceu e cresceu, mas para onde não pode voltar desde 2006 por conta do bloqueio israelense. “Pixelizadas, corrompidas, fragmentadas, [tais] imagens trazem todas as marcas das interrupções contemporâneas: exílio, nomadismo, deslocamento e falhas de conexão” (Beiguelman, 2021, pp. 160-161). O telecorpo, por sua vez, é o que restitui um mínimo de conexão afetiva.

<sup>10</sup> Tal sorte de antecipação foi, diga-se, mesmo performatizada por Trevor Paglen, um dos nomes aqui elencados. Em 2012, este fotógrafo selecionou cem películas que retratam desastres humanos, gravou-as em um disco sob a inscrição *The Last Pictures* que, por seu turno, foi lançado sob a forma de um satélite para o espaço sideral. Para Paglen (como citado em Foster, 2021, p. 157, nota 30), essas fotografias são artefatos futuros “de alienígenas do passado (nós mesmos)”, artefatos que sugerem que “o futuro já existe, mesmo que ainda não tenhamos conseguido alcançá-lo”.

Cada um a seu modo, os artistas ora mencionados defendem certo reenquadramento do mundo digital a partir de suas margens, lacunas e curtos-circuitos. Se tal mundo, por um lado, segue cada vez mais regido por protocolos algorítmicos e petrossexoraciais, por outro, as ficções que estruturam esses mecanismos se explicitam enquanto tais, ainda que em decorrência da velocidade e abundância das narrativas. A disforia do mundo nada mais é do que essa irrupção onto-ficcional que nos atravessa enquanto telecorpos, seja para fins de manutenção e atualização das velhas ficções, seja no sentido de abertura, reenquadramento e contestação das realidades assim produzidas e incorporadas. E, se o tempo presente, como sentencia Foster (2021, p. 183), “está sempre hipotecado como garantia de um tempo por vir (um tempo que nunca chega de fato)”, talvez a promessa disfórica de Preciado seja um modo de advogar, a partir das contradições digitais e de forma igualmente contraditória, por um tempo por vir que nos restitua o presente.

### Agradecimentos

Este trabalho é parte da pesquisa “Design-ficção como releitura do presente: dilemas heterotópicos nos estudos especulativos”, realizada com auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo Nº 401586/2023-5.

### Referências

- Axt, B. (2023). Metamorfoses simbiopoiéticas em Paul B. Preciado: De sujeitos a simbiontes políticos. *Resistances*, 4(7), Article e230108. <https://doi.org/10.46652/resistances.v4i7.108>
- Alves, G. (2011). *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo.
- Beccari, M. N. (2020). A pornificação do trabalho: uma reflexão a partir de Paul B. Preciado. *Revista V!RUS*, 1(21), São Carlos. <https://revistas.usp.br/virus/article/view/229068>
- Beigueman, G. (2021). *Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu (Coleção Exit).
- Couldry, N., & Mejias, U. (2019). *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism*. Redwood City: Stanford University Press.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Emmelhainz, I. (2021). Authoritarianism and the Cybernetic Episteme, or the Progressive Disappearance of Everything on Earth. *e-flux journal*, 122. <https://www.e-flux.com/journal/122/430488/authoritarianism-and-the-cybernetic-episteme-or-the-progressive-disappearance-of-everything-on-earth/>
- Felinto, E. (2022). *O cartógrafo sem bússola: Vilém Flusser, prolegômenos a uma teoria do pensamento líquido*. Porto Alegre: Sulina.
- Fisher, M. (2021). *Postcapitalist Desire: The Final Lectures*. London: Repeater.
- Flusser, V. (2014). *Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foster, H. (2021). *O que vem depois da farsa?*. São Paulo: Ubu.
- Foucault, M. (2009). O Sujeito e o Poder. In: H. L. Dreyfus & P. Rabinow (Eds.) *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231–249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Krapp, P. (2011). *Noise Channels: Glitch and Error in Digital Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Lazzarato, M. (2014). *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: n-1/Sesc.
- Menkman, R. (2011). *The Glitch Moment(um)*. Amsterdam: Institute of Network Cultures.
- Nocek, A. (2021). Governmental Design. In: T. Fry & A. Nocek (Eds.). *Design in Crisis: New Worlds, Philosophies, and Perspectives* (pp. 113–136). London/New York: Routledge.
- Nunes, M. (ed.). (2011). *Error: Glitch, Noise and Jam in New Media Cultures*. New York: Continuum.
- Paglen, T. (2014). Operational Images. *e-flux journal*, 59. <https://www.e-flux.com/journal/59/61130/operational-images/>

- Preciado, P. B. (2017). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1.
- Preciado, P. B. (2018). *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopronográfica*. São Paulo: n-1.
- Preciado, P. B. (2020). *Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia*. São Paulo: n-1.
- Preciado, P. B. (2023). *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Primo, G. B. (2020). Das confissões da carne às redes confessionais: As relações entre as práticas de si na era digital e a ascensão da extrema-direita no cenário político contemporâneo. *Opinião Filosófica*, 11(2), 1–25. <https://doi.org/10.36592/opiniao.filosofica.v11.978>
- Sadin, E. (2015). *La vie algorithmique: Critique de la raison numérique*. Paris: Éditions L'Échappée.
- Simon, H. (1996). *The Sciences of the Artificial*. Cambridge: The MIT Press.
- Steyerl, H. (2020). *The Wretched Of The Screen*. Berlin: Sternberg.
- Stiegler, B. (2018). *The Neganthropocene*. London: Open Humanities Press.
- Wintroub, M. (2020). Sordid Genealogies: A Conjectural History of Cambridge Analytica's Eugenic Roots. *Humanities and Social Sciences Communications*, 1(7), 1–16. <https://www.nature.com/articles/s41599-020-0505-5>